



ISSN: 2447-3359

REVISTA DE GEOCIÊNCIAS DO NORDESTE

Northeast Geosciences Journal

v. 6, nº 2 (2020)

<https://doi.org/10.21680/2447-3359.2020v6n2ID20488>



EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO SEMIÁRIDO: O QUE A GEOGRAFIA TEM A VER COM ISSO?

Francisco José da Silva Santos¹; Raimundo Lenilde de Araújo²

¹Mestrando em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina/PI, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4318-8133>

Email: silvasantos.fco@gmail.com

²Doutor em Educação Brasileira, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina/PI, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5491-0996>

Email: raimundolenilde@ufpi.edu.br

Resumo

Enquanto disciplina escolar, a Geografia é uma das responsáveis por discutir aspectos relacionados ao semiárido brasileiro, devendo contextualizá-lo, em especial, quando trabalhado em escolas que estão situadas no próprio semiárido. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo geral compreender o papel da Geografia escolar na percepção do semiárido a partir de discussões desenvolvidas com alunos da cidade de Novo Santo Antônio/PI. Como objetivos específicos, têm-se: entender como o semiárido é percebido e ensinado no Centro Educacional José Marcelo Pessoa; identificar a perspectiva do professor de Geografia com relação ao semiárido; analisar se a prática pedagógica de Geografia contribui para formação cidadã e melhor convivência do aluno no semiárido. No intuito de alcançar os objetivos propostos, foi estabelecido como metodologia, em um primeiro momento, a busca por um referencial teórico que embasasse conceitualmente a pesquisa, como Castrogiovanni, Callai e Kaercher (2004); Silva (2006); Lima (2010) e Reis (2010), dentre outros. Em um segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de entrevista e por fim, foram analisados os dados coletados. A pesquisa revelou a importância da educação contextualizada e que o Ensino de Geografia pode contribuir na construção de percepção dos alunos sobre o ambiente em que vivem.

Palavras-chave: Educação; Semiárido; Ensino de Geografia.

CONTEXTUALIZED EDUCATION IN SEMIARID: WHAT GEOGRAPHY HAS TO DO WITH IT?

Abstract

While school discipline, geography is one of the responsible for discussing issues related to the Brazilian semi-arid and must contextualize it, especially when working in schools that are located in the semiarid region itself. In this sense, the work has the general objective of understanding the role of geography at school perception of semiarid developed from discussions with students in the city of Novo Santo Antonio/PI. The specific objectives, they have: to understand how the semiarid region is perceived and taught at the Educational Center José Marcelo Pessoa; identify the perspective of the Geography teacher with respect to semi-arid; analyze the pedagogical practice of Geography contributes to civic education and better living of students in semiarid region. In order to achieve the proposed objectives, was established as a methodology, at first, the search for a theoretical framework that conceptually embasasse research, as Castrogiovanni, Callai and Kaercher (2004); Silva (2006); Lima (2010) and Reis (2010), among others. In a second step, a field research through interviews and finally took place, the collected data were analyzed. The research revealed the importance of contextual education and the Geography Teaching can help build awareness of the students about the environment in which they live.

Keywords: Education; Semi-arid region; Geography teaching.

EDUCACIÓN EN EL SEMINARIO; ¿QUÉ TIENE A VER CON ESO?

Resumen

En cuanto asignatura escolar, la Geografía es una de las responsables por discutir aspectos relacionados al semiárido brasileño, debiendo contextualizalo, en especial, cuando trabajado en escuelas que están ubicadas en el propio semiárido. Así, el trabajo tiene como objetivo general comprender el rol de la Geografía escolar en la percepción del semiárido a partir de discusiones desarrolladas con alumnos de la ciudad de Novo Santo Antônio- PI. Como objetivos específicos, tienen: Entender como el semiárido es percibido y enseñado en el Centro Educacional José Marcelo Pessoa; Identificar la perspectiva del profesor de Geografía con relación al semiárido; Analizar se la práctica pedagógica de Geografía contribuye a la formación del ciudadano y mejor convivencia del alumno en el semiárido. Con el sentido de lograr los objetivos propuestos, fue planteado como metodología, en un primero momento, a busca por un referencial

teórico que embasase conceitualmente a la investigación, como Castrogiovanni, Callai e Kaercher (2004); Silva (2006); Lima (2010) e Reis (2010), Entre otros. En un segundo momento, fue realizada un estudio de campo por medio de encuesta y por fin, fueron analizados los datos recolectados. La investigación revelo la importancia de la educación contextualizada y que la enseñanza de Geografía puede contribuir en la construcción de percepciones de los alumnos sobre el ambiente en que viven.

Palabras-clave: Educación; Semiárido; Enseñanza de Geografía.

1. INTRODUÇÃO

As perspectivas sobre a educação têm passado por mudanças ao longo dos anos no Brasil e no mundo. É cada vez maior a exigência por uma educação contextualizada, em que os conteúdos aprendidos façam sentido e tenham significado para os discentes.

Apesar disso, ainda há grande parcela no contexto escolar que se mantém distante dessa evolução, o que tem configurado a permanência de educação tradicional que exprime o saber desconexo com a realidade.

Esse aspecto torna-se ainda mais grave quando ocorre em áreas caracterizadas pela fragilidade socioeconômica, onde a educação deveria ser importante instrumento de transformação. É o caso das regiões semiáridas do Brasil, que, apesar de avanços ainda prevalecem sistemas educacionais que reproduzem a visão atrasada sobre esses ambientes.

A Geografia, enquanto disciplina escolar, deve apresentar o espaço de reflexão sobre o semiárido, no sentido de assumir um importante papel na construção da percepção e nas formas de atuação discente em relação a esses espaços.

Nesse contexto, o trabalho tem como objetivo geral compreender o papel da Geografia escolar na percepção do semiárido a partir de discussões desenvolvidas com alunos da cidade de Novo Santo Antônio/PI. Como objetivos específicos têm-se: entender como o semiárido é percebido e ensinado no Centro Educacional José Marcelo Pessoa; identificar a perspectiva do professor de Geografia com relação ao semiárido; analisar se a prática pedagógica de Geografia contribui para formação cidadã e melhor convivência do aluno no semiárido.

2. METODOLOGIA

No intuito de alcançar os objetivos foi estabelecido como metodologia, em um primeiro momento, a busca por um referencial teórico que embasasse conceitualmente a pesquisa, como Castrogiovanni, Callai e Kaercher (2004), Silva (2006), Lima (2010) e Reis (2010), dentre outros.

Em um segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de entrevista em que foram coletadas informações sobre a prática docente em Geografia e percepções sobre semiárido de um professor de Geografia que atua na escola Centro Educacional José Marcelo Pessoa, única escola de Ensino Fundamental da sede do município de Novo Santo Antônio/PI, cidade que compõe o semiárido piauiense.

Por fim, foram analisados os dados coletados na busca por compreender melhor como a Geografia, enquanto disciplina

escolar, tem se portado na contextualização do conhecimento sobre o semiárido em áreas de vivência deste ambiente natural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. O Ensino de Geografia e o cotidiano

A Geografia é uma disciplina escolar que sempre teve seus temas intimamente relacionados ao cotidiano dos alunos. É um campo do conhecimento engajado na busca por tornar o mundo mais compreensível, no sentido de assumir grande importância na formação de um cidadão crítico.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 29), o

[...] estudo de Geografia possibilita aos alunos a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências (tanto para si como para a sociedade).

Nesse sentido, o Ensino de Geografia precisa refletir em suas práticas de sala de aula as abordagens relacionadas aos espaços de vivências dos alunos, em especial nos anos finais do Ensino Fundamental, momento em que os educandos estão aprimorando seus pensamentos com relação ao mundo, meio ambiente, intervenção humana, etc.

Os PCNs reforçam a função da Geografia quando destacam que a mesma tem o “objetivo de estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem” (PCN, 1998, p. 26).

Reforçando a importância da contextualização, a Base Nacional Comum Curricular afirma que a educação geográfica deve

[...] contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. (BRASIL, 2017, p. 359)

É interessante observar que a visão sobre contextualização dos aspectos geográficos expressos PCNs de 1998 são de certa forma complementados pela BNCC em 2017, demonstrando que esse debate não é algo recente, mas que já vem sendo proposto há um bom tempo pelos documentos oficiais, mesmo que ainda não incorporado de forma plena pela maioria dos ambientes escolares.

Por meio desse entendimento, é preciso que haja o direcionamento do Ensino de Geografia para o lugar de vivência do aluno, relacionando-o com outros espaços, mas aproveitando daquilo que está mais próximo de sua realidade cotidiana. A Geografia escolar “[...] deve lidar com as representações da vida dos alunos, sendo necessário sobrepor o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares, sem distanciar-se, em demasia,

do formalismo teórico da ciência” (CASTROGIOVANNI; CALLAI; KAERCHER, 2004, p. 7).

Utilizar o lugar como um espaço de reflexão é importante, pois o “[...] lugar é sempre cheio de histórias e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza.” (CALLAI, 2005, p. 234). Assim, torna-se extremamente válido utilizar as experiências dos alunos na construção do saber geográfico e contribuir para que, dotados desse novo saber, possam aprimorar suas relações com o meio em que vivem.

É nessa perspectiva que o contexto do semiárido nordestino pode ser melhor entendido através do Ensino de Geografia, por meio de reflexões voltadas para o processo de formação social, econômica, política e cultural que envolvem esse ambiente natural tão singular.

Para Lima (2008, p. 98):

[...] construir uma proposta de educação contextualizada no Semiárido exige que os professores procurem re-aprender a aprender para poder ajudar o seu aluno/a tornar-se um aluno-quisador de sua realidade. O aluno/a aprende refletindo sobre sua ação e interagindo no meio social, já o professor, amplia seu olhar sobre o mundo no momento em que se desafia a pensar sobre sua prática no processo de reflexão-na-ação.

O Ensino de Geografia deve se empenhar para possibilitar condições de aprendizagem que aproximem os conhecimentos do semiárido e sua contextualização com a realidade de vivência dos estudantes.

Fazer essa articulação entre a Geografia escolar e o cotidiano dos alunos em conteúdo como as dinâmicas migratórias, interagindo com a realidade do próprio lugar onde vivem permite que os estudantes possam encontrar “[...] cada um à sua origem, segmentos de sua identidade, e passam a ver a ciência como instrumento de compreensão da sua própria vida, da vida da sua família.” (DOWBOR, 2006, p. 02)

No entendimento de Reis (2010, p. 128), é preciso mudar a lógica curricular, defendendo que

[...] não se está propondo apenas trocar a uva pela maçã ou a caixa d’água pela cisterna ou pelo o que quer que seja. É o sentido e significação daquilo que está colocado nos livros didáticos. Não é, simplesmente, trocar a pera pelo umbu, não é isso! Mas é o sentido e o significado que o umbu tem na vida das pessoas, na relação daquele fruto com o meio ambiente, daquela árvore no ecossistema e na cadeia produtiva local, e muito mais.

Defender uma educação mais voltada para o contexto local não quer dizer isolar o conhecimento, muito pelo contrário, o local é apenas o ponto de partida para compreensão de espacialidades mais distantes e complexas.

O Ensino de Geografia feito de forma contextualizada influencia diretamente a percepção discente em relação ao ambiente em que vive. É pertinente destacar que percepção é um conceito complexo e de grande relevância para os estudos geográficos.

O conceito teve sua origem nos Estados Unidos na década de 1970, por meio de debates desenvolvidos pela escola geográfica humanística. O geógrafo Yi-Fu Tuan é considerado o precursor

do conceito de percepção, tornando-se uma referência fundamental para seu entendimento.

De acordo com Tuan (2012) a percepção

[...] é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. (TUAN, 2012, p. 18).

Ao considerar o entendimento de Yi-Fu Tuan, é possível entender o quão significativo é o conceito de percepção no contexto escolar. A depender de como o(a) discente percebe o ambiente em que vive a atuação pode ocorrer de forma distinta. Neste caso, o Ensino de Geografia funciona como uma lente, auxiliando o(a) discente em sua percepção do espaço de vivência e tornando-o mais consciente da realidade e assim mais capacitado para atuar na transformação do espaço.

Para Del Rio (1996, p.3) a percepção é um “processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos”. Esse processo de percepção é composto por representações, significados e ações.

Contribuindo para discussão, Rocha (p. 1, 2003) argumenta que pela percepção

[...] formam-se imagens que têm significados diferentes para quem as capta, dependendo de sua cultura, tempo histórico, situação psicológica, entre outros. A tendência é levar em conta apenas os aspectos concretos, objetivos, das imagens. Porém, os seres humanos são duais, isto é, têm uma visão externa (mundo concebido) e uma visão interna (mundo percebido, mundo subjetivo) do mundo que os cerca.

Levar em consideração os elementos que ajudam a construir a percepção discente, sejam eles externos ou internos, contribui muito para que a aprendizagem, ainda mais quando se trata de conteúdo intimamente ligado ao seu cotidiano.

A água, por exemplo, pode ser um elemento natural de pouca importância para uma região em que esse recurso é encontrado em abundância, mas tem significado e percepção muito diferente para pessoas que habitam no semiárido onde, na maioria dos casos, há escassez hídrica.

Outros autores discutem o complexo conceito de percepção, no entanto, o esse artigo não fez análise aprofundada, apenas elencou entendimento com intuito de nortear a reflexão sobre o papel da Geografia escolar na percepção do semiárido, visto que as diferentes maneiras de percepção do espaço implicam, conseqüentemente, em distintas representações do ambiente semiárido e de sua análise.

3.2. Um olhar sobre a educação no semiárido piauiense

Os critérios que definem uma região como semiárida são, geralmente, associados à aridez do clima, insuficiência hídrica, inconstância de precipitações pluviométricas e solos pobres em matéria orgânica. De acordo com essas características, a definição de semiárido está atrelado a prolongados períodos sem chuva e elevada temperatura que contribui para perda de água por meio da evapotranspiração potencial. (SILVA, 2006).

Ainda de acordo com Silva (2006, p. 16), no Brasil a

[...] área de domínio do semi-árido teve, ao longo da história, outras denominações como Sertão e o Nordeste das secas. Oficialmente, a primeira delimitação da região foi estabelecida em 1936, com o Polígono das Secas. O conceito técnico de Semi-árido é decorrente de uma norma da Constituição Brasileira de 1988, mais precisamente do seu Artigo 159, que institui o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE).

Com as mudanças tanto na denominação quanto nos critérios que definem a área de abrangência do semiárido no Brasil, o mapa dos estados e municípios que compõem o semiárido brasileiro foi se alterando ao longo do tempo.

O Ministério da Integração Nacional (MI), importante fonte de dados governamentais sobre o semiárido brasileiro, foi incorporado ao Ministério das Cidades (MCid) em 2019 com nova nomenclatura de Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR).

De acordo com o extinto MI, o semiárido brasileiro passou a ter em 2017 mais 54 municípios em três estados - 36 no Piauí, 15 no Ceará e 3 na Bahia. A composição do mapa do semiárido passou assim para 1.189 municípios em nove estados: Alagoas,

Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. (BRASIL, 2020)

Especificamente no Piauí, passaram a compor a região do semiárido os municípios piauienses de Alto Longá, Altos, Amarante, Arraial, Barra D'Alcântara, Barras, Batalha, Boa Hora, Boqueirão do Piauí, Brasileira, Cabeceiras do Piauí, Campo Maior, Capitão de Campos, Cocal, Cocal de Telha, Cocal dos Alves, Coivaras, Elesbão Veloso, Floriano, Francinópolis, Francisco Ayres, Jardim do Mulato, Jatobá do Piauí, José de Freitas, Nossa Senhora de Nazaré, Novo Santo Antônio, Parnaguá, Passagem Franca do Piauí, Pau D'Arco do Piauí, Piri-piri, Prata do Piauí, Regeneração, São Félix do Piauí, São Miguel da Baixa Grande, Sigefredo Pacheco e Várzea Grande.

Ainda de acordo com informações do MI, a iniciativa de ampliar o número de municípios do semiárido apoiou-se no fato de que o Nordeste passava a pior seca dos últimos anos. Com essa inserção dos municípios eles poderiam contar com apoio federal em diversas frentes que estimulam o desenvolvimento regional. Entre elas estão o acesso a investimentos em condições mais favoráveis para geração de emprego e renda, além de apoio em ações emergenciais para convívio com a seca. (BRASIL, 2020).

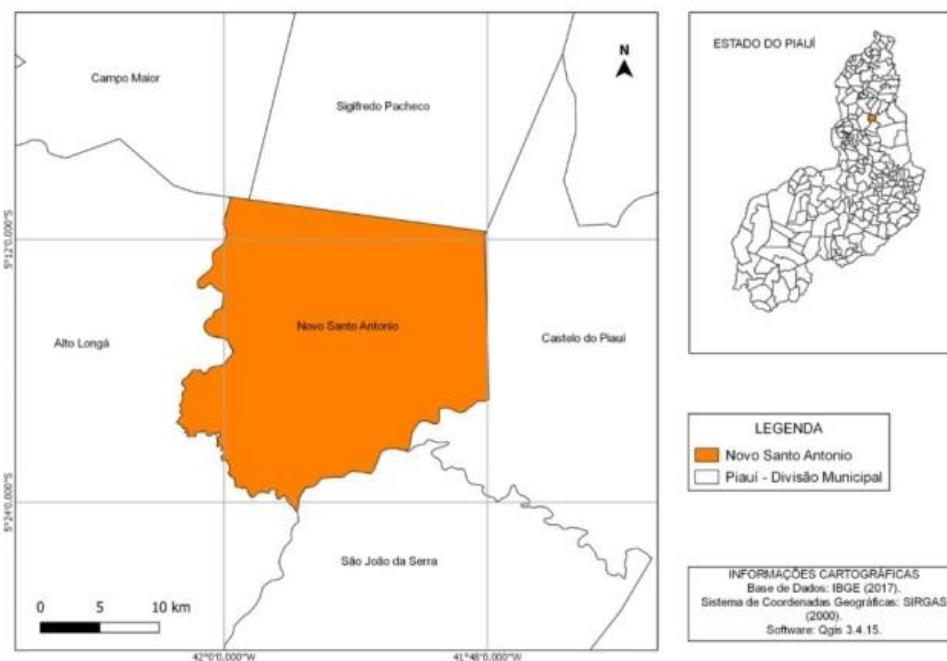


Figura 1 – mapa de localização do município. Fonte: Rocha (2020)

Novo Santo Antonio, no Estado do Piauí, foi um dos municípios inseridos na região do semiárido brasileiro na atualização de 2017. O município fica a aproximadamente 116 km a leste de Teresina, capital do Estado do Piauí. Foi fundado em 26 de janeiro de 1994 pela Lei 4680. Possui uma população estimada de 2.991 habitantes e uma área de 528.408 km² (IBGE, 2020).

A área do município é caracterizada por ter uma condição climática bastante seca, com rios temporários e uma vegetação onde predominante à caatinga do tipo caducifólia, apresentando baixa precipitação anual.

De acordo com dados do IBGE (1977) citados por Aguiar (2004, p. 10)

As condições climáticas do município de Novo Santo Antônio (com altitude da sede a 180 m acima do nível do mar), apresentam temperaturas mínimas de 18° C e máximas de 40° C, com clima quente tropical. A precipitação pluviométrica média anual (com registro de 922 mm, na sede do município) é definida no Regime Equatorial Marítimo, com isoietas anuais entre 800 a 1.400 mm, cerca de 5 a 6 meses como os mais chuvosos e período restante do ano de estação seca. Os meses de fevereiro, março e abril correspondem ao trimestre mais úmido da região (IBGE, 1977).

A base econômica de Novo Santo Antônio está voltada para agricultura de subsistência (arroz, feijão, mandioca e milho) e pecuária extensiva (aves, caprinos e ovinos). Além disso, a economia local está intimamente vinculada à renda proveniente do serviço público, aposentadorias e de programas de transferência de renda do Governo Federal como o Bolsa Família (CEPRO, 2020).

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2020), o município de Novo Santo Antônio apresenta uma taxa de Desenvolvimento Humano Baixa, de 0,528 em 2010. A dimensão que mais contribui para o IDHM do município é Longevidade, com índice de 0,702, seguida de Renda, com índice de 0,536, e de Educação, com índice de 0,392.

É possível perceber pelos dados que o município de Novo Santo Antônio apresenta fragilidades socioeconômicas e que sua localização em uma região de semiárido torna as condições locais mais necessitadas de um plano de desenvolvimento coerente, que leve em consideração suas potencialidades regionais específicas. Um projeto de mudança social, nesse caso, passa especialmente pela busca de uma educação de qualidade.

O município de Novo Santo Antônio possui apenas duas escolas de Ensino Fundamental nos anos finais, uma na sede (Centro Educacional José Marcelo Pessoa) e outra na zona rural (Escola Municipal João de Matos).

A intenção inicial deste trabalho era pesquisar as duas escolas para traçar um paralelo e descobrir se haveria grandes disparidades entre ambas. No entanto, houve certa resistência do professor que leciona na escola da zona rural em contribuir com o trabalho. Dessa forma ficou estabelecido como alvo da pesquisa a escola Centro Educacional José Marcelo Pessoa e o professor de Geografia que atua na mesma. A intenção principal é buscar entender melhor qual papel que o Ensino de Geografia possui na percepção dos alunos de Novo Santo Antônio sobre a região semiárida a qual estão inseridos.

O Centro Educacional José Marcelo Pessoa foi fundado em 29 de setembro de 2001 e inaugurado em 05 de março de 2002 com capacidade para atender 600 crianças. A escola foi uma iniciativa do município para atender a demanda escolar do ensino fundamental que na época era fornecido ainda pelo Estado. Atualmente atende ao alunado do Ensino Fundamental de 2º a 9º ano, na modalidade regular e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

No ano de 2020, a escola atende a um público de 346 alunos sendo 142 no turno da manhã, 184 à tarde e 20 no turno da noite. Nos turnos diurnos, funciona na escola a modalidade de ensino Fundamental e a noite a modalidade EJA.

Na pesquisa, foi utilizada a entrevista do tipo direta, com visita a escola e contato direto no momento das perguntas com o entrevistado. A entrevista foi realizada com o único professor de

Geografia que atua no Centro Educacional José Marcelo Pessoa, buscando coletar informações sobre questões relacionadas ao semiárido.

Segundo Kauark, Manhães & Medeiros (2010, p. 64), “a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas na coleta de dados primários. As fontes primárias são os documentos que gerarão análises para posterior criação de informações.” As entrevistas dessa pesquisa tiveram caráter exploratório, na qual são permitidas eventuais indagações ou levantamento de dados e informações que não estejam contempladas no formulário.

A entrevista ocorrera de acordo com a disponibilidade de horário do professor, que respondeu perguntas divididas em dois momentos: o primeiro sobre o perfil geral do docente e o segundo momento com indagações voltadas para o currículo da escola, formação continuada, livro didático, concepções e dificuldades relacionadas ao tema semiárido no Ensino de Geografia.

Com relação aos dados coletados no primeiro momento, sobre o perfil geral do docente, identificou-se que é do sexo masculino, possui 28 anos de idade, é formado em Geografia pela Universidade Federal do Piauí no ano de 2015 e atua há 4 anos no magistério. O professor possui pós-graduação em nível de especialização na área de educação e gestão.

Após esse quadro geral com perfil do professor, a segunda parte da entrevista foi direcionada para o papel do Ensino de Geografia na construção da percepção dos alunos sobre a região semiárida, sua contextualização e principais dificuldades para trabalhar esse tema nas aulas de Geografia.

Quando perguntado sobre como é estabelecido o currículo de Geografia na escola em atua, o professor respondeu que

o currículo é baseado totalmente no conteúdo do livro, pois a escola onde trabalho visa o repasse de conteúdos acima de qualquer outra coisa, entretanto, eu como professor, sempre busco relacionar os conteúdos de Geografia a própria Geografia da nossa região e da nossa cidade, sempre mostrando aos alunos que apesar dos pesares, nossa região é muito rica culturalmente, historicamente, geograficamente e no que diz respeito ao nosso povo, que é muito acolhedor, dentre tantas outras qualidades do Nordeste e do nordestino.

De acordo com a fala do professor entrevistado foi possível perceber que ainda prevalece forte nas escolas uma visão mais atrelada ao conteúdo do que ao conhecimento. Lima (2010, p. 155) argumenta que “[...] a concepção de currículo que prevalece em muitas escolas ainda está limitada à compreensão de currículo enquanto atividade técnica e organizacional dos conteúdos”.

Sem um debate consistente e reflexivo, o currículo deixa de fazer sentido na condução do processo educacional, se descolando da realidade local e passando a ser apenas um instrumento metódico e burocrático, sem sentido para a formação cidadã.

A resposta do professor quanto à sua maneira de contextualizar os conteúdos com o local de vivência dos alunos, destacando inclusive suas potencialidades, representa uma quebra com a postura tradicional. Isso pode indicar uma melhora na qualificação dos cursos de licenciatura. O tempo de formado do professor é relativamente recente, isso deixa a entender que esse pode ser um dos indicativos para essa mudança do tradicionalismo educacional que ainda possui forte presença no meio escolar.

O segundo questionamento feito buscou saber se há formação continuada de professores na escola e se alguma delas já abordou direta ou indiretamente temas relacionados ao semiárido. O professor relatou que *“há formações sim, mas geralmente não aborda temas relacionados ao semiárido, pois a formação não é individual de cada disciplina e no caso da minha escola, as formações são mais voltadas para temas como: Ensino e Aprendizagem, Avaliação e aumento do IDEB.”*

A resposta concedida demonstra a fragilidade nas formações continuadas fornecidas pelas secretarias de educação municipal. Essas formações estão mais a serviço de elementos externos, como o próprio IDEB citado pelo professor, do que das demandas por aprimoramento docente que o próprio local em que está inserida a escola almeja.

A esse respeito, Reis (2010, p. 121) acrescenta que

[...] em muitos municípios, as jornadas pedagógicas, quando existem, resumem-se a um planejamento realizado por assessorias externas que chegam à escola com tudo pronto, reúnem o professorado uma vez no início do semestre, passam a receita e vão embora, não demonstrando qualquer compromisso com a mudança da educação.

A terceira pergunta da entrevista sondou o professor sobre sua percepção do semiárido brasileiro. Em resposta afirmou que *“o semiárido brasileiro é uma área muitas vezes subestimada, em minha opinião. Muito disso deve-se ao preconceito que as pessoas têm contra a seca, sem ao menos tentar entender essa sub-região do Nordeste que pra (sic) mim tem muito potencial, o que falta são políticas públicas de apoio às pessoas que moram nessa região.”*

É interessante a concepção expressada pelo professor quanto ao semiárido, pois transpassa a visão recorrente de que os principais problemas dessa região sejam decorrentes apenas do clima, entendendo que grande parte deles está mais vinculada a problemas sociais e políticos, heranças históricas desde a colonização exploratória desse ecossistema.

O quarto questionamento feito quis descobrir se o projeto educacional da escola em que atua leva em consideração elementos socioambientais do semiárido. O professor relatou que *“não, pois o projeto educacional da escola não abrange a interdisciplinaridade que poderia ajudar nesse maior enfoque da região do semiárido, sendo assim cada disciplina cuida dos seus assuntos, cabendo a Geografia fazer com que o semiárido não passe despercebido na escola, que faz parte dessa região”*.

Sem um projeto que integre ações, a prática docente fica desarticulada e o aluno acaba recebendo informações desconexas. No caso do semiárido, local em que a escola está inserida, é de fundamental importância que seja desfeita essa estrutura de “ilhas” de informações e se estabeleça uma rede interligada entre as áreas de conhecimento.

Com relação a se acha satisfatória a forma como os aspectos do semiárido são abordados no livro didático de Geografia, sendo essa a quinta pergunta da entrevista, o professor respondeu que

São satisfatórios no momento em que o livro mostra aos alunos que o semiárido não é só seca, mas tem toda uma conjuntura de fatores socioambientais e políticos que influenciam essa região para o bem e para o mal. Além disso, o livro demonstra que o semiárido é uma área de solos férteis onde se plantando tudo dá,

desde que haja projetos de irrigação como é o caso das áreas nas margens do rio São Francisco.

Até pouco tempo, verificava-se discursos sobre o semiárido como espaço apenas de pobreza e miséria, construindo um imaginário sobre essa região que nem sempre estava condizente com a realidade. Nos últimos anos tem havido um crescimento das discussões sobre os conteúdos abordados pelos livros didáticos, observando-se a preocupação com relação às narrativas que são produzidas e disseminadas por eles. Isso se reflete na fala do professor.

A sexta pergunta da entrevista abordou o professor sobre os principais desafios para trabalhar temas relacionados ao semiárido nas aulas de Geografia. Em resposta escreveu que

Os principais desafios são quebrar os preconceitos que muitas vezes os alunos têm contra o semiárido, além de ter que fazer isso de forma individual, pois não se tem projetos na escola que visem fazer com que outras áreas de ensino, não só a Geografia, tem que ter todo esse trabalho que deveria ser de toda a escola, pois nós vivemos essa realidade no nordeste e no semiárido.

Fruto de um modelo descontextualizado de ensino, se instalou no aluno uma percepção do próprio lugar onde vive, distorcida da realidade. Ele não consegue confrontar a visão colonizadora que se estabeleceu sobre a região semiárida, construindo um preconceito contra sua própria identidade local. A Geografia deve, então, articulada ou não com as outras áreas, assumir o papel determinante de quebrar com essa percepção alienígena sobre a região semiárida.

Para Lima (2010, p. 153), as escolas têm contribuído para difundir uma visão destoada da realidade do semiárido quando *“[...] caracteriza as pessoas dessa região como ‘coitadinhas’, ‘pobrezinhas’, ‘incultas, construindo caricaturas e estereótipos de sertanejo carregado de preconceito [...]”*. É preciso mudar essa caracterização e a Geografia, sem dúvidas, tem função primordial no sentido de contextualizar o conhecimento e desenvolver no aluno uma visão crítica do espaço onde reside ou mesmo que reside em outras regiões.

Para concluir a entrevista, foi perguntado ao professor sobre como a prática pedagógica de Geografia aplicada em escolas do semiárido pode contribuir para formação cidadã e melhor convivência do aluno nesse espaço. A resposta do entrevistado foi que

Falando por mim, sim. Pois, eu sempre busco fazer com que os alunos entendam que o semiárido e o Nordeste como um todo não possuem apenas aspectos negativos, mas que tem muito mais aspectos positivos, tentando passar aos alunos um senso de pertencimento e de respeito por essa região tão nobre e que tem tanto potencial para crescer, e que são eles, os alunos, que no futuro virão a ser os agentes de transformação da nossa sociedade, principalmente na Região Nordeste e na sub-região do semiárido.

Felizmente, a postura do professor é extremamente significativa para uma mudança social no local em que a escola em que atua fica localizada. Ele assume a função de articulador de ideias, possibilitando aos alunos que se sintam parte integrante de uma realidade social conflituosa, mas cheia de potencialidades

e que eles, os alunos, são a chave para essa mudança enquanto agentes de transformação do espaço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou o quanto é importante e urgente que se invista em uma educação contextualizada. Quando relacionado ao semiárido, contextualizar torna-se ainda mais necessário e a Geografia é um dos campos de conhecimento que mais tem poder de ajudar na construção de uma real percepção dos alunos sobre esse ambiente.

O Ensino de Geografia pode contribuir significativamente para romper com os estereótipos e preconceitos que se enraizaram na matriz curricular das escolas e que cegam os estudantes das reais possibilidades que permeiam o semiárido brasileiro, local muitas vezes de moradia deles.

Por meio da pesquisa, identificou-se também que há ainda grandes fragilidades nos ambientes escolares do semiárido, como é o caso do Centro Educacional José Marcelo Pessoa, que apesar de estar localizado na sede do município de Novo Santo Antônio/PI, atende a uma clientela que em grande parte advém da zona rural.

Em um município com fragilidades socioeconômicas tão marcantes como Novo Santo Antônio, investir em uma educação contextualizada que apresente uma imagem de possibilidade para os alunos do local onde vivem é contribuir para diminuir os altos índices de migrações de jovens e adultos para os grandes centros urbanos, se sujeitando a trabalhar muitas vezes em situações precárias e humilhantes.

A entrevista com o professor apresentou resultados bastante animadores quanto a sua postura profissional, percepção sobre o semiárido brasileiro e entendimento do papel importante da Geografia no contexto social em que está inserido.

Os livros didáticos, de acordo com a pesquisa, começam a apresentar uma visão mais positiva do semiárido, mas é preciso ter cuidado para não limitar a falar sobre o semiárido apenas quando for abordado pelo livro como conteúdo da regionalização das sub-regiões do Nordeste. É um tema que deve estar presente durante o ano todo, buscando associar conhecimento científico e cotidiano.

Com tudo isso, foi possível entender melhor a importância da contextualização do semiárido nas aulas, em especial de Geografia. Esse tema é ainda pouco explorado e demonstra que ainda há muito a ser pesquisado. O Ensino de Geografia pode contribuir muito com as populações que residentes no semiárido brasileiro, conscientizando-as de seu valor e importância, fortalecendo sua identidade e capacitando-as como agentes de transformação social críticos.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Robério Bôto de. GOMES, José Roberto de Carvalho. (Org). *Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Novo Santo Antônio*. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EL_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 12 Fev. de 2020.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *Nova delimitação do Semiárido brasileiro*. Brasília: Ministério da Integração Nacional. Disponível em: <<https://Hwww.mds.gov.brH>>. Acesso em: 23 de ago. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (org.); CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CEPRO, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais. *Diagnóstico socioeconômico municipal: Novo Santo Antônio*. Disponível em: <http://www.cepro.pi.gov.br/download/201105/CEPRO03_624457d1ff.pdf>. Acesso em: 18 de fev. 2020.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel/ Ed. UFSCAR, 1996.

DOWBOR, Ladislau. *Educação e desenvolvimento local*. Disponível em: <<https://dowbor.org/06edulocal.doc>>. Acesso em: 27 de abr. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades: Novo Santo Antônio PI*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/novo-santo-antonio/panorama>>. Acesso em: 24 de fev. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Fundação João Pinheiro. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2000*. Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em: 20 set. 2004.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88 p.

LIMA, Elmo de Souza. *O currículo como espaço de diálogo entre as diversidades socioculturais do semiárido*. In: SILVA, Conceição de Maria de Sousa e; LIMA, Elmo de Souza; CANTALICE, Maria Luiza; ALENCAR, Maria Tereza; SILVA, Waldirene Alves Lopes da. (org.). *Semiárido Piauiense: educação e contexto*. Campina Grande: INSA, 2010. p. 151 - 172.

REIS, Edmerson dos Santos. *Educação para a convivência com o semiárido: desafios e possibilidades*. In: SILVA, Conceição de Maria de Sousa e; LIMA, Elmo de Souza; CANTALICE, Maria Luiza; ALENCAR, Maria Tereza; SILVA, Waldirene Alves Lopes da. (org.). *Semiárido*

Piauiense: educação e contexto. Campina Grande: INSA, 2010. p. 109 - 130.

ROCHA, L. B. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. *Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)*, v. 4, n. 1, 11.

ROCHA, Paulo Henrique Luz. *Mapa de localização do município de Novo Santo Antônio PI.* (elaborador). 2020.

SILVA, Roberto Matinho Alves da. *Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento.* Brasília – DF: UnB, 2006. 298 p. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.* Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em: 20/04/2020

Aceito para publicação em: 04/08/2020